



John Carter Brown  
Library  
Brown University



108  
10  
292

# ARCO TRIUNFAL

IDEA, E ALLEGORIA,

Sobre a Fabula de Paris em o

# MONTEIDA

CUJA FICÇAM HA DE SERVIR PARA

o Arco Triunfal, que a Rua dos Ourives do Ouro

celebra. em applauso dos felicissimos Des-

posorios das Augustas, & Lusitanas Magestades.

DESCREVE-A

PASCOAL RIBEIRO COUTINHO.



# LISBOA.

*Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de MIGUEL MANESCAL,

Impr effor do Sancto Officio.

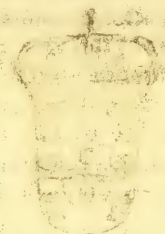
Anno de 1687.



175  
TRINIDAD

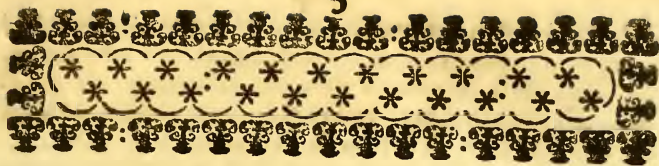
INSTITUTION  
CULTIVATION OF THE ARTS

PROCEEDINGS OF THE



1850

ANNO 1850



# INTRODUCCAM



**INDA** que os intrepididos, & celebrados, filhos do antigo Romulo, naõ foraõ os primeiros inventores das triunfais maquinas, com tudo foi taõ grande a sua imitaçaõ, que naõ deixou lugar a gloria dos imitados.

Quer Plinio Historiador, Justino, & Diodoro Siculo, que o famoso Dionisio, chamado Libero padre, fosse o primeiro q em magestosa carroça, tirada por elefãtes triunfasse pelas cortes do Egypto : a elle imitou o Carthaginez Asdrubal, & Sofotris, que naõ acabaõ as fabricas da grandesa na fonte aonde hũa vez nascem : sempre crusaõ os poderosos pelos golfos da admiraçaõ successivas vezes.

Vio-se nos Romanos taõ viva esta Maxima, que foraõ seus triunfos empenhos de muitas lyras; & sempre ficaraõ mayores os assumptos, que os hiperboles: entre todas (como escreve Plutarco) foi o de Paulo Emilio quando triumphou de Persio Rey de Macedonia, o mais celebrado daquelle seculo, porque a ser hoje, & neste desejado dia fora huma sombra da grandesa, o que entaõ foi assombro da idade.

Era o dia da entrada em Roma de solemnissima festa, entregando-se o tumulto de toda a Cidade mais à admiraçaõ, que ao trabalho. As ruas com ricos atavios, serrando as portas á enveja, sã abriaõ as janellas à fama; as paredes dos edificios usurpavaõ os carmesins a Tiro, & as sedas a Millaõ; nellas os bordados de ouro faziaõ sonhe-

cida émulaçãõ aos rãynos do Sol ; os rãmos ainda em flor cortados, se conduziãõ em triunfais arcos, de boninas vestidos; a vista achava enleijos nos labirinthos da grandesa, mas esta lhes dava no Oiro de tanta preciosidade fio para a admiraçãõ. O ouvido se suspendia aos acordes cantos, porque os destes musicos excediaõ na engraçada consonancia aos Ophos, & aos Anfioes. O gosto se augmentava, porque as melas duplicando iguarias, eraõ taõ francas, como liberaes. O tacto se suspendia, vendo na variedade dos bailes, a destreza dos movimentos. E finalmente até o O firo achava empregos, porque para os perfumes naõ esqueçeraõ as mussas de Pancaya, & os aromas de Calambuco, ardendo em preciosas caçoulas, por donde o applauso conduzia o triunfo.

A nobreza cortava custosas gallas, a plebe vestia as melhores roupas, os Templos abriam as entalhadas portas; emfim todos significavaõ seus contentos, conforme o tracto de seus officios, mostrando por disticos, & por emblemas os povos as suas occupaçoẽs, & os illustres os seus caprichos; que quando huma açcaõ logra as prerogativas de felice, nẽ os humildes faltaõ aos empenhos, nem os grandes se eximem dos custos.

Com esta preparaçaõ acompanhado, & assistido de todas as dignidades da Republica entrou por Roma Paulo Emilio vestido de preciosa purpura coroado de eterno louro, em hũa magnifica carroça, que tiravaõ fermõssisimos Brontes.

Ora se com esta grandesa se applaudia em Roma huma açcaõ bellica, aonde a gloria do vencimento, era chorada com as lagrimas dos vencidos, quanta mais digna de admiraçãõ he esta grandezza Lusitana ! Pois toda a gloria della se sacrificava ao Anor; & neste os vencimentos saõ triunfos: Là em Roma applaudiaõ se os golpes; em Portugal celebraõ se os affectos. Là o separar a vida, era o alcançar a victoria; em Portugal unir as vontades, he açcaõ dos triunfos. Là em Roma era o culto sacrificado a Marte; em



Portugal he o empenho victimá do Amor, & o amor haõ  
quer tropheos violentados, porque sò se anima de triun-  
fos amantes.

Destá sorte se erigiaõ os triunfos entre os Roma-  
nos, de quem nõs herdamos as triunfantes pompas, com  
as quaes significámos naõ sò o affecto, mas o trato; mas  
tudo offerecido ao augusto Desposorio das Inclytas Ma-  
gestades.

Supposta, pois, esta Maxima, festejará a Rua dos  
Orrives do Ouro, as soberanas Bodas, com a Fabula de  
Paris em o Monte Ida: porque se Paris significa a igual-  
dade, & a proporçaõ, com que este Regio mancebo  
discernia as curiosas questões, que estaõ lhe perguntá-  
vaõ; nos actos de Amor, como saõ os Desposorios, de-  
ve haver tal igualdade de affectos, tal proporçaõ de ca-  
rinhos, que fora delito da eleição, excluir a Paris dos  
empenhos do Amor. Narro a Fabula em o seu literal sen-  
tido; logo na allegoria se verá a propriedade, que tem com  
a funcçaõ, & Acto Real.

*Em quanto ao sentido literal,*

**A** Onde o Monte Ida, na Provincia da decantada  
Troya se levantava em vistosas eminencias, habi-  
tava Paris Oraculo das selvas filho de Priamo, & de Hecu-  
ba Reys de Troya. A este as fatidicas sentenças dos in-  
felices vates, arrojaraõ aos incultos bosques; que fora  
prodigio ser discreto, & naõ ser desgraçado.

Habitante do Monte, & seguido Oraculo de Deida-  
des Soberanas, & de Ideas rusticas; Pallas, Juno, & Ve-  
nus, por parecer de Jupiter lhe sollicitaraõ a sciencia, para  
que soltando lhe huma duvida. & premiando huma gen-  
tileza, as izentasse de algum militar duelo; que he taõ gran-  
de a força da belleza para atrahir, como para pelejar.



Era a duvida nascida sobre hũa lettras, que se grāvavaõ em hũa maçaã de ouro, as quaes com neutralidade diziaõ, se dẽsse à mais fermosa o precioso pomo: *Detur pulchriori*. E porque na gentileza naõ ha Deidade que naõ imagine que merece mil pomos, quanto mais hũa maçaã, contenderãõ as tres Deidades, sobre qual a merecia; naõ sey se era capricho no empenho, se valor no pomo.

Com tudo [sempre o soborno foi parcial da duvida] Juno buscou a Paris como a Juiz, & lhe offereceo as mayores riquezas da terra, se a fizesse Senhora de maçaã aurea? Sendo que naõ tinha que temer os desaires de feya, quem lograva as prerogativas de rica; mas nem em todos os seculos, nem em todos os animos se antepoz sempre a ambiciosa condiçaõ dos Cressos, à quasi divina proporçam da gentileza.

Fez Pallas o mesmo ente, & veyo a offerecer valores, & talentos sem deixar de offerter engenho, & Arte; & ainda com poder tanto esta offerta, se naõ rendeo o resto moço; nos golpes de tanto offerecimento; parece que o destino guardava o auro pomo, para aquella Deidade, que tendo o berço nas espumas, tem o domicilio nas brazas, & Mãy daquelle rayo, que com dominio suave acende as ondas em chamas, & congella as brazas em neves.

Venus em fim na mayor belleza, offereceo a mais poderosa dádiva, & alcançou pelo offerecimento de Helena o que naõ alcançaraõ as prendas de taõ soberanas virtudes: que mal se livraria dos laços do amor, quando este nem respeita as purpuras mais decorosas, nem reserva as choças mais humildes.

Esta em summa he a Fabula em seu literal sentido, se que se accomodaçaõ no allegorico; atando ao intento á Idea, & ás circumstancias desta as prerogativas daquella.

*Em quanto a Alegoria.*

**F** Oraõ sempre os montes os lugares mais adequados para as glorias, em seus eminentes teatros, se representarão sempre as acçoẽs mais mysteriosas, que vio o Universo. As letras Divinas fazem mençaõ de muitos, & as humanas historias naõ fazem menos caso delles, basta apropriarem as ideas dos entendidos para habitaçaõ das Musas, o Monte Parnaso; achando que se na terra podem ter domicilio as Deidades, serà sò quando o façaõ nas eminencias dos Montes; sempre os Montes encontrãrão com os luzimentos; porque se os favores saõ dittas, os humildes como naõ saõ vistos, nũca saõ afortunados: o q̃ supposto, o Monte Ida por eminente, por florido, por ameno, se erigirá em o principio da Rua, & nelle se verá hum retrato das mayores grandezas, celebrando Desposorios as flores, as Aguas, & as frutas, com os Zefiros; com os Virtunos, com os Glaucos.

Na planta delle, se formarãõ duas crystallinas fontes, adornadas de curiosos embrechados, para os quais darã as conchas abolla Panopea & nellas se verãõ dove Trides os quais com liberalidade verterãõ copioso crystal; fertilizando hum amenissimo Jardim, vistosa inveja das selvas Calidonas, fragante letheo dos Babilonicos pensis: donde as esmeraldas das tremulas flores, se verãõ engastadas na fugitiva prata das correntes. E cada hum terã no braço em curiosa targeta esta Cõpla.

<i>Linha, para a transparente</i>	<i>Cristal, para a presunçaõ,</i>
<i>Neve, em furcos derretida,</i>	<i>Porque ficarãs cabal</i>
<i>Que ficarãs suspendida,</i>	<i>Admiraçaõ de crystal,</i>
<i>Quanto for es mais corrente.</i>	<i>Vendo o Ceo da admiracaõ.</i>

Clicia extremo dos amantes, acharã fim aos seus desvelos, porq̃ lhe porã neste dia o Sol seus olhos. Virã a Ma-

ra vilha a fazer laços com a Perpetua; & com a gloria desta solemnidade ficara o Monte huma perpetua maravilha. Verse-haõ as graças de Pomona indicando conforços, porque a fecunda Vide entre os braços do alto Alamo; produzirá tão ditosos filhos, que todos mereçaõ bago; as amâtes heras teraõ firmes abraços dos loureiros; sò porque se veja a Era deste anno coroada de triunfos.

Soltará o benigno Zefiro, quando se condusa a Real Carroça, mil alados ramilhetes, os quaes com discretos motes, dourando os bicos para a pronunciaçã delles, celebraraõ o ditoso Acto. E os timidos coelhos, levarã coplas nos crystallinos colos, sem temerem famintos Podengos; que he acerto neste dia, o celebrarem as aves os Desposorios daquella Invicta Aguia, objecto de nossas esperanças, & felicissimo fim de nossos desejos.

Emfim nas flores se veraõ as esperanças de nossos cuidados ja em flor: nos fruttos colherá a Monarquia Lusitana os melhores fruttos; porque verã a admiraçã os mais felices Princeses; & nas aves se ouvirã os melhores prognosticos de nossas diçãs, sendo o Monte Ida o Paraíso aonde se dividem estas felicidades, o Quadro aonde se notem estas pinturas, & o Mapa aonde se vejaõ estas grandezas.

Erigido assim o Monte em huma estancia, que no meyo delle se verã, estará o pastor Paris vestido ao rustico, cor parda, alparcas em os pès, monteyra, & cajado na mão esquerda, & na direita huma maçaã de ouro com humas letras, que digaõ: *Detur pubhriori*; & elle a meyo agiolhar a estará offerecendo às Soberanas Magestades.

He Paris na allegoria o corpo mystico dos Ourives do Ouro; & por isso prostrado se inculca reverente ante as Magestades, tributando no pomo de ouro, o subido do affecto, o rico da vontade, & a materia do officio. E porque as letras do aureo pomo, dizem se offerte à mais fermosa,

ale



allegorizando, & medindo a fermosura da antiga Deidade, com a Soberania, & gentileza da Deidade presente, revoga a sentença, reconhecendo ventagens na fermosura, & sacrifica a rica offerta em nome de toda a Rua neste Soneto.

*Esta porção de Febo, esta luzida  
 Vítima de candores fabricada,  
 Quanto se postra em Aras humilhada,  
 Tanto se inculca em solios crigida.  
 Esta que Idolo he, no Altar do Ida,  
 Hoje recusa a assombros obrigada.  
 Quantos decoros tem de idolatrada,  
 Por lograr os affectos de rendida.  
 Nella a materia postra a Natureza,  
 E a forma em rendimentos se reparte  
 Ao culto sem igual dessa belleza.  
 Porque assim se divulgue em toda a parte,  
 Que passa a ser empenho da grandeza,  
 O que se inculca sacrificio da Arte.*

Occuparão os lados de Paris, na melhor proporção Pallas, Juno, & Venus, como prerogativas, & essenciaes partes, que ha de ter huma vítima, & de que se ha de compor huma offerta. Tres circumstancias deve ter hũa dadiva para ser perfectamente singular: Ha de ser desinteressada; ha de ser rica, & ha de ser voluntaria. Isto mesmo allegorizaõ as tres Deidades, que assistem ao Oraculo Paris; porque se elle na allegoria he o mystico corpo de todos os Ourives, no que elle offerta, que he a materia de que se compoem o seu trato, se haõ de veras tres prerogativas da grandeza.

He a primeira parte, & prerogativa da grandeza o ser desinteressada, que fora crime da generosidade admit-

tir recompensa: & esta primeira parte se átta bem com a Deosa Pallas, a qual patrocina os que desinteressados nas campanhas sacrificã as vidas, allegoriza o como esta rua, sem interesses festeja o que decorosamente venera; revestindo os animos de hum novo espirito, & celebrando os despoforios com o mayor empenho; porque se a Pallas se daõ dous attributos, do Valor quando na guerra veste o Arnez, & de Sciente quando na paz poem a Toga: bem correspondem logo estes attributos aos aureos animos; pois o bellico diz congruencia ao espirito, & o Sciente faz uniaõ cõ o empenho.

Veste da cintura para cima armas brancas, que constaõ, de peito, & espaldas, na cabeça elmo com plumas encarnadas, & o outro meyo corpo veste roupas vermelhas, na maõ direita huma lança, & da outra parte ao pé estará hum gallo simbolo da vigilancia, & alegre clarim deste fermoso dia, no braço esquerdo hum escudo de crystal, & nelle pintada a cabeça de Medusa espantosamente horriavel. E neste Soneto allegoriza o desinteressado animo da Rua.

*Sem recompensa, o desejo voa*

*Ao solio grave dessa invicta planta,*

*Que os interesses vis, amor quebranta.*

*Quando amantes affectos apregoa.*

*Conheça pois o gremio de Lisboa,*

*Que em dittas hoje tanto se levanta,*

*Que nem sempre os desejos de Athalanta*

*Haõ de ter da ambiçaõ aurea Coroa:*

*Sem interesses, pois, porque se veja*

*Quanto o desejo estas venturas ama,*

*A estas glorias Amor, glorias deseja.*

*E se lhe disculpais a ardente chãma,*

*Quanto o carinho lhe inculcar de inveja,*

*Tanto o furor lhe gravará de Rama.*

A segunda prerogativa da offerta he o ser rica ; & esta bem se abraça com a Deidade de Juno , a quem os antigos celebrãrão por Deosa de todos os cabedais magnificos. Allegoriza a sua imagẽ no rico de sua dadiva: o zello com que esta rua sacrifica , & postra , naõ a limitada parte de seus cabedais , mas o precioso de todo o que pòde offerecer hum desejo, que naõ cabe no Univerfo: veste roupas azuis , capellar do mesmo , coroa, & sceptro , como Monarca das riquezas da terra : Ao pè della se verà hum Pavaõ, o qual guardára entre as azas hum cofre de preciosas joyas, tanto por simbolizarem o poder da Deosa, como por declararem a allegoria ; representando as joyas, que de toda a pedraria se fabricaõ. Tudo offerece á Magestade Augusta da Rainha Senhora nossa neste Soneto.

*Inclita Luz, o zello que hoje admira  
 O que venera em culto relevante  
 Acha no rico ser , o ser constante,  
 Das ignoraõs fãta, & que despreza Pira.  
 O Roby ao fervor do zello aspira,  
 Ao puro se consagra o Diamante,  
 E porque chega ao Ceo o zello amante,  
 Se admira o Ceo na gloria da C. afra.  
 Este de ofrendas rico , & coroado  
 Se vos dedica, mas com sentimento.  
 Porque o traz or eceyo desconfado.  
 Que he taõ rico altar desse portento,  
 Que ainda fabrica ancias ao cuidado,  
 O que victima he do rendimento.*

Coroa a grandesa , & perfeiçaõ da offerta, a vòntade cõ q se sacrifica; porque ainda que seja com a mayor riqueza, di-





**Affim allegorizada a Fabula com o intento da Arte,**  
 com a mesma uniaõ com que se enlaçaõ as tres prerogati-  
 vas de huma offerta singular, se devem entender os laços  
 do conforcio, a quem se consagraõ os Epitalamios.

Vnem-se, & daõ-se as mãos as tres prerogativas para ser  
 perfeita a dadiua; & da mesma sorte simbolizaõ o como as  
 Reae. Poffoas se entregaõ aos laços, para ser eterna uniaõ.

Nesta uniaõ se achaõ as duas vontades Reays tão uni-  
 formes, que he hum sò querer ambas as vontades: & aqui  
 se vê de Venus a pessoa tão unida como prostrada; porque  
 admira outro Adonis mais singular.

Nesta uniaõ se acha o mayor valor, unido com a me-  
 lhor sciencia; em Sua Magestade se divide a valentia; na  
 Rainha Senhora nossa se acha a virtude, verdadeira sabedo-  
 ria: & perfeita Pallas na melhor allegoria; Pallas era huma  
 sò na pessoa, mas com dous titulos na significaçãõ: Suas  
 Magestades sendo dous na composiçãõ, & ordem da na-  
 tureza, faõ sò hum nos affectos; harmonia que sò ajusta o  
 Amor. Mas como naõ se perfeita Aguia Imperial, naõ sem  
 mysterio formada com duas cabeças, em huma se vê o va-  
 lor em seu auge, em a outra se admira a virtude em seu fo-  
 lio; mas ambas tão unidas, que he sò hum o composto de  
 que procedem, he sò hum o gyro a que voaõ.

Nesta uniaõ ultimamente se acha a mayor grandesa, co-  
 mo publica este felice dia; nõ qual o Ceo nos offertou esta  
 gloria com todas prerogativas de unica, com todas as excel-  
 lencias de heroica.

E porque a grandesa detaõ felice acto, se naõ esten-  
 desse somente nos curtos espaços da terra; a figura ima-  
 ginaria da Fama estará sobre o monte Ida para del'le fazer  
 gyro a essas espheras, & nellas publicar o que felizmente  
 lograõ as nossas felicidades. Alegoriza o contento com  
 que esta Rua applaude os Desposorios, & os deseja eterni-  
 zar naõ só nos breves espaços da Esphera terreste, mas  
 nos

nos dilarados circulos dessa azul campanha.

Veste roupas, & capelhar branco, o cabelo solto ao vento: guarnecida a galla de bocas, que tudo publicaõ; & de olhos, que admiraõ tudo: em os hombros, & pès azas, porque sejaõ mais agitados os voos: na mão direita hum clavisim, com que publica o que guarda no coração: & porque suppoem he toda a terra sabedora das Lusitanas glorias, manda ao Sol parar a Carroça para que admire a solemnidade, que deve ser primeiro nos encomios, quem he unico nos luzimentos. Grava na tarje este Soneto.

*Abrazado Candor, Alma do Dia,  
Suspense o passo, para o coche errante;  
E admira nesta Esphera rutilante  
Outra luz, outro ser, outra alegria.  
Revista luzes toda a Hierarquia,  
Que se eterniza em quicios de Diamante.  
Pois que nesta Carroça relevante,  
O Sol de Pedro, Aurora de Maria.  
Vive o Sol material distancia breve  
E de sebol Invicto o de sa fogo,  
Eternas duragoes assi se deve.  
Acclame-se este Astro, o luzes, logo,  
Pois quanto aquelle acaba em fria neve  
Tanto deste eterniza amante fogo.*

**FINIS.**

*Coronad o quiz.*



112<sup>o</sup> 3.

~~Page~~



14  

---

10  
K



C619  
A949.11



